

# NEGOCIANDO IDENTIDADES MATERIAIS: HOMENS JOVENS E MODERNIDADE EM DJENNÉ

CHARLOTTE JOY<sup>1</sup>

## UNESCO e patrimônio cultural

Em seu recente livro sobre a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Singh (2011) expõe as maneiras pelas quais a instituição buscou materializar sua visão por meio de projetos práticos. A distância que Singh e outros (Cleere, 2000; Eriksen, 2001; Fontein, 2000) identificaram entre o “idealismo grandioso” da UNESCO e a implementação de projetos provou ser um tópico fértil sobre o qual antropólogos debateram a propósito do real significado do patrimônio cultural para as pessoas.

---

<sup>1</sup> Charlotte Joy é professora de gestão do patrimônio cultural no Departamento de Arqueologia da Universidade de Southampton. É diretora não executiva de Cultura da Comissão Nacional do Reino Unido para a UNESCO e facilitadora da UNESCO (Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial de 2003), trabalhando atualmente na implementação desta convenção no Reino Unido. É autora de dois livros, *The Politics of Heritage Mangement in Mali* (Routledge, 2012), baseado em um longo trabalho de campo etnográfico no Mali, e *Heritage Justice* (CUP, 2020), baseado em pesquisas no Tribunal Penal Internacional. Preside o Grupo de Trabalho Blue Shield do Reino Unido sobre Patrimônio Cultural Imaterial.

\* Publicado originalmente em inglês com o título “Negotiating material identities: Young men and modernity in Djenné” no *Journal of Material Culture*, v. 16, n. 4, p. 389-400, 2011. Traduzido por Sara Morais. Revisão técnica: Maíra Vale.

Antropólogos sempre foram centrais no trabalho da UNESCO. Na época de sua criação, em 1945, Claude Lévi-Strauss e Michel Leiris foram fundamentais na elaboração da noção de cultura dessa organização. Atualmente, os antropólogos são chamados, entre muitas outras funções, para serem avaliadores especialistas dos processos de candidatura à Lista do Patrimônio Mundial. Portanto, não se trata de uma questão de burocratas do lado de dentro e antropólogos do lado de fora. A evolução do pensamento sobre o patrimônio cultural ocorre dentro e fora da UNESCO, com ambas as esferas se retroalimentando.

O recente enfoque da UNESCO no patrimônio cultural imaterial, por exemplo, foi em larga medida provocado pelos esforços do ex-diretor geral japonês da UNESCO, Koïchiro Matsuura (1999-2009), que criou o Japanese Funds-in-Trust para financiar sua visão. A subsequente reconceitualização do patrimônio cultural como performativo, funcional e corporificado está agora bem estabelecida tanto na antropologia acadêmica quanto na UNESCO (Smith; Akagawa, 2009).

Durante uma entrevista em 2005, o chefe do Departamento de Patrimônio Imaterial da UNESCO me disse que sua ambição era preservar os “ambientes propícios” que cercavam importantes patrimônios culturais, e que a “coisa em si” não poderia mais ser a principal preocupação. Esses “ambientes propícios” podem significar coisas diferentes em contextos diversos. Neste artigo, explorarei como tal abordagem à proteção do patrimônio cultural se manifesta e o que ela pode nos dizer sobre a identidade dos homens jovens em Djenné, um Patrimônio Mundial da UNESCO malinês desde 1988.

Djenné, cidade localizada na região central do Mali e uma comuna urbana do Delta Interior do Níger Interior, ao sul do deserto do Saara.

●  
MALI

■  
*Djenne*

■  
*Bamako*



## Djenné

Djenné foi declarada Patrimônio Mundial devido à sua arquitetura e arqueologia excepcionais. Toda a cidade, construída quase exclusivamente em banco (barro com adição de outros ingredientes), e seus sítios arqueológicos circundantes estão protegidos pelos termos do reconhecimento de 1988. Para que o local mantenha seu *status*, todos os edifícios residenciais da cidade e sua grande mesquita devem ser permanentemente construídos em barro. É muito improvável que um reconhecimento envolvendo uma cidade inteira aconteça hoje em dia, pois as dificuldades de manter os termos da candidatura ameaçam todo o projeto atual da UNESCO em Djenné (Joy, 2007).

Embora muitas associações patrimoniais que atuam em Djenné, como o governo holandês e o Aga Khan Trust for Culture, AKTC, tenham se concentrado no treinamento e na promoção da associação de pedreiros (os *barey-ton*), que são os criadores das construções de barro (Marchand, 2009), poucas conseguiram incluir diretamente as preocupações da população local em seus projetos. A restauração de vários *sahos* (casas tradicionais de rapazes) em vilarejos Bozo fora de Djenné, realizada pelo governo holandês, marcou o fim de um longo período de envolvimento holandês na cidade.

Entre 1994 e 2004, uma equipe holandesa de arqueólogos e arquitetos restaurou 100 casas em Djenné, buscando devolvê-las à sua aparência original da virada do século XX. Eles usaram as primeiras fotografias coloniais como referência de autenticidade. O dinheiro para o projeto foi retirado do Fundo de Desenvolvimento no Exterior do governo holandês. O objetivo do projeto era restaurar um número central de casas representativas que serviriam como inspiração para o restante da cidade. O projeto também realizou um levantamento completo de uma quantidade significativa

de casas em Djenné e catalogou seu estado de conservação. A escolha das casas a serem restauradas foi, desde o início, explicitamente eurocêntrica, com prioridade para as casas com fachadas monumentais representadas em fotografias antigas e cartões-postais da cidade. O projeto propriamente dito foi lançado após uma exposição realizada no Rijksmuseum voor Volkenkunde, em Leiden, intitulada *Djenné, the most beautiful town in Africa* (“Djenné, a cidade mais bonita da África”), em 1994. A exposição também foi exibida em Bamako e Djenné (Bedaux *et al.*, 2003, p. 46).

Atualmente, a restauração dos *sahos* segue a mesma linha (Figura 1). Djenné tem dificuldade em atrair turistas para a cidade por mais tempo do que o necessário para visitar o *Monday Market*, com a mesquita como pano de fundo fotogênico (ver Figura 2). No desejo de atrair turistas a permanecerem por mais tempo em Djenné, excursões para os vilarejos vizinhos foram comercializadas como uma oportunidade única de conhecer diferentes grupos étnicos, já que os vilarejos, ao contrário de Djenné, tendem a permanecer monoétnicos (ver Joy, 2010, para uma discussão sobre o turismo em Djenné).

Um documento escrito pelo diretor da Missão Cultural em Djenné — um órgão criado pelo governo do Mali para supervisionar a proteção do patrimônio cultural na cidade — afirma que a restauração é urgentemente necessária devido à degradação dos edifícios, causada principalmente pela pobreza, mas também pela recusa dos jovens em serem governados por estruturas de poder tradicionais e pelo fim do “comunitarismo” (solidariedade de grupo)<sup>2</sup>. Ele explica que a decisão de construir um *saho* teria sido tomada por toda a comunidade, e todos os jovens envolvidos participariam em sua construção. Normalmente, pedreiros eram convidados

---

<sup>2</sup> *Expérience de conservation d'un Patrimoine bâti: cas des sahos de Kouakourou, Mission Culturelle de Djenné* (disponível online).

em Djenné para supervisionar o projeto. Os cômodos da casa eram, então, designados pelo Chef de Quartier — chefe do bairro (Mass; Mommersteeg, 1992), e os jovens tendiam a seguir o pai e os irmãos na escolha do *saho*.

As casas de rapazes, em diferentes formas arquitetônicas, ainda podem ser encontradas em Djenné atualmente e refletem a identidade multiétnica da cidade (Figura 3). Os rapazes que crescem juntos em um determinado *quartier* (bairro) da cidade podem formar um grupo chamado *grin*, geralmente por volta dos 15 anos de idade, e passam a viver juntos no período entre a saída de casa e o casamento. Mesmo após o casamento, os homens geralmente permanecem associados a seus *grins*, mantendo contatos com seus amigos e indo atrás de relacionamentos extraconjugais. No entanto, atualmente, os *grins* em Djenné são estruturas fluidas, que se montam e desmontam regularmente.

Ao contrário dos *sahos*, os *grins* não estão associados às cerimônias de circuncisão de seus integrantes. Atualmente, em Djenné, rapazes de famílias menos abastadas geralmente são circuncidados no hospital quando ainda bebês ou, se pertencerem a uma família com melhores condições materiais/financeiras, são circuncidados juntos em uma celebração familiar. Nos vilarejos, as famílias se dirigem ao chefe (*Chef de Village*), que anuncia uma data para a circuncisão para que as diferentes famílias possam dividir os custos da celebração.

Um *grin* tem, em geral, cerca de dez membros e um nome inspiracional, como Fangafin' (Black Power), Playboy, Mafia, Blackstar, Zotto Boys ou Rude Boys. O número de casas de rapazes em cada *quartier* depende de seu tamanho, e há de nove a onze *quartiers* em Djenné (dependendo de como você os conta). O nome “Zotto Boys” tem uma “etiqueta” particularmente interessante, pois foi o primeiro nome dado a um *grin* em Bamako, capital do Mali, no final da década de 1980. Um de seus

membros foi para o Reino Unido nas férias de verão e voltou com uma sacola de fitas K7 de rap e hip hop, até então desconhecidas no Mali.

Os Zotto Boys logo se tornaram o *grin* mais famoso de Bamako e atraíram seguidores de toda a capital. Eles montaram seu próprio salão de cabeleireiro, que se tornou o lugar para ser visto como um jovem malinês urbano (ver Gondola, 1999, para uma discussão sobre o fenômeno congolês conhecido como *la sape*). Eles criaram danças e fizeram sua própria música. Durante a revolta de estudantes contra o regime militar de Moussa Traoré no final da década de 1980, o salão Zotto Boys era atacado regularmente pelas forças militares. Após a derrubada de Traoré em 1991, os Zotto Boys foram convidados para a rádio do Mali e estiveram presentes na posse do novo presidente, Alpha Oumar Konaré, em 1992.

Figura 1

Um *saho* em Kouakourou antes da restauração.

Fonte: Charlotte Joy.





Figura 2  
*Monday market* em Djenné com a mesquita como pano de fundo.  
Foto: Charlotte Joy.

Desde então, eles se tornaram uma banda musical de sucesso, inspirando rapazes em outras partes do Mali a adotarem seu nome.

O *grin* dominante em Djenné em 2010 era chamado de “*La Maison Blanche*” — a “Casa Branca” — em homenagem à eleição de Barack Obama para a presidência dos EUA em 2008. Ele é visto como poderoso por causa da cultura material que contém: é bem decorado, possui eletricidade, TV e colchões — luxos pelos quais os *grins* menos poderosos não podem pagar. Dentro dos diferentes grupos, os apelidos individuais incluem figuras de notoriedade, bem como figuras da cultura internacional influente, como Che Guevara, Fifty, Kadafi, Fidel Castro e Général Guéï (um governante militar da Costa do Marfim). Dentro do *grin*, os membros têm diferentes funções, que vão desde a limpeza até à organização e à preparação do chá. Cada *grin* tem um líder e um tesoureiro, cujos apelidos são, novamente,

inspirados na cultura popular influente. Por exemplo, o tesoureiro particularmente habilidoso de um *grin* tem o apelido de Bill Gates.

Os *grins* são um prisma interessante para entender a relação entre Djenné e o mundo exterior. Eles fazem referência à cultura afro-americana, a figuras globais notórias, a figuras de riqueza e poder e, curiosamente, à burocracia francesa. O elemento burocrático dos *grins* é refletido em seu sistema de associação, pois cada pessoa dentro de um *grin* tem um cartão de associação chamado *carte de soutien*, impresso em um cibercafé. Os cartões são, geralmente, ilustrados com uma fotografia do grupo de rapazes na parte da frente e mantidos em um envelope com o membro. Cada um deles paga uma quantia semanal ao tesoureiro (cerca de 50p a £1,50) para cobrir custos do chá, do funcionamento da casa e da realização de eventos para os quais são enviados convites formais.

Quando surgem disputas entre *grins*, elas geralmente são causadas pela competição por garotas. Novamente de forma bastante burocrática, cartas formais são enviadas “convidando” o outro *grin* para uma briga, com hora e local especificados — por exemplo, no cemitério francês, ao pôr do sol. Às vezes, os *grins* de um bairro podem se agrupar em solidariedade temporária para lutar contra os *grins* de outro bairro. Suas armas são paus e facas e eles costumam ferir-se mutuamente. Embora a competição por garotas geralmente esteja no centro dessa violência, as brigas também podem ocorrer para provar prestígio e domínio.

As garotas podem se afiliar aos *grins* por meio de relacionamentos com seus membros, bem como pertencerem a seus próprios grupos de garotas chamados *tons*. O uso do nome *tons* é interessante, pois ele também se refere a associações de pedreiros, o *barey-ton*. As garotas não têm seus próprios espaços independentes de suas famílias, mas se reúnem nos saguões para conversar e fazer bijuterias. Elas também têm nomes de grupos e apelidos — aqui retirados de novelas sul-americanas.



Figura 3  
Casa moderna de rapazes em Djenné.  
Foto: Charlotte Joy.

## Patrimônio cultural e desenvolvimento

Em uma espécie de reviravolta, o ciclo de *feedback* que existe entre os projetos de restauração em Djenné e sua população é agora conceituado pelos profissionais do patrimônio, incluindo os que trabalham para a UNESCO, como sendo algo voltado principalmente ao desenvolvimento, por meio da promoção do turismo (Singh, 2011). Entretanto, os problemas recentes com a Al-Qaeda no Magreb Islâmico (AQIM), no norte do Mali, levaram a uma redução do turismo e a preocupações constantes sobre o futuro do turismo no país. A principal consequência foi um alerta de viagem desaconselhando deslocamentos não essenciais para o norte do Mali, incluindo os três locais que são Patrimônio Mundial: Djenné, Dogon Country e Timbuktu.

Outras alegações feitas por funcionários do patrimônio que trabalham em Djenné conceituam a proteção do patrimônio cultural da cidade como um dever, baseado em um modelo de diversidade cultural da UNESCO. Djenné precisa ser preservada como o único exemplar de uma cidade de tijolos de barro — uma ilustração de um momento específico da história — para o benefício de toda a humanidade. É o único exemplo que representará o todo. Por mais bem intencionada que seja essa visão, a fixação da identidade de Djenné no passado, por meio de uma preocupação contínua com a preservação de sua arquitetura e arqueologia, cria um espaço estranho para que os habitantes da cidade — os *djennenkés* — possam vivê-la. O passado se torna a única encarnação válida (autêntica) da cidade, em razão das referências constantes aos primeiros cartões postais e desenhos coloniais. Nesse cenário, a modernidade, quando evidente, enfraquece a própria ideia de Djenné.

O artigo de Ferguson (2002), “Of mimicry and membership: Africans and the ‘new world society’” (Sobre mimetismo e pertença: os africanos e a “nova sociedade mundial”), nos ajuda a entender que o que está acontecendo nos *grins* de Djenné não é uma simples questão de mimetismo (em relação a agentes mais poderosos e ricos), ou de apropriação e neutralização de influências externas opressivas, nem é uma questão de “magia simpática”. Ao invés disso, eu sugeriria que se trata de uma forma de participação ativa na sociedade e na mídia globais contemporâneas. Essa dinâmica está intimamente ligada ao *comunitarismo* e, embora os *sahos* tradicionais possam estar caindo em desuso arquitetônico, os “ambientes propícios” que eles já representaram foram reproduzidos com sucesso em toda Djenné. As verdadeiras barreiras que os jovens da cidade enfrentam hoje são econômicas. Além disso, como sugere Ferguson, embora a apropriação de imagens, roupas e música faça com que todas as fronteiras pareçam porosas, as fronteiras reais ainda existem — por exemplo, nos mercados de trabalho e na enorme diferença dos salários pagos na África Ocidental em comparação com a Europa e a América do Norte.

Em uma discussão sobre a “cultura material de sucesso” nos Camarões, Rowlands (1994) identifica a sala de estar nas casas das pessoas como o local em que uma família comunica não apenas seu *status* social, mas também suas ambições futuras. Mesmo que outras partes da casa não estejam à altura da imagem de prosperidade e modernidade incorporada pela sala de estar, esta persiste em fornecer um marcador estável de *status*. Da mesma forma, os *grins* de Djenné e os espaços físicos que eles habitam não se referem apenas ao presente, mas também às ambições futuras. Eles permitem que garotos acreditem, mesmo que temporariamente, que têm o *status* e o poder de transformar suas situações.

Os jovens de Djenné, especialmente os guias mais experientes e que conhecem bem também os assuntos do mundo, estão cientes das barreiras que impedem sua prosperidade e sucesso. Embora pequena pelos padrões internacionais, a disparidade de riqueza entre as pessoas mais ricas de Djenné e as mais pobres causa tensão. Em 2006, um motim eclodiu em Djenné depois do que foi visto como um trabalho de restauração não autorizado realizado pelo Aga Khan Trust for Culture na mesquita. Os manifestantes, predominantemente jovens — supostamente liderados pelos guias da cidade — atacaram a propriedade da elite cultural de Djenné: o imam, o *Chef de Village*, o prefeito e a Missão Cultural. Essa elite cultural é vista por muitos *djennenkés* como constante beneficiária, e de forma desproporcional, do dinheiro que chega a Djenné em nome do seu patrimônio cultural.

Devido ao seu *status* de Patrimônio Mundial, as conversas com o mundo exterior sobre Djenné geralmente se restringem à promoção e proteção da sua arquitetura e arqueologia. Em sua recente discussão sobre a “estética das nações”, Mookherjee (2011) nos lembra que a estética está intrinsecamente ligada à ideologia. Dessa forma, a proteção de Djenné e de outros locais reconhecidos como Patrimônio Mundial é um ato de “disseminação” da nação, que precisa ser repetido continuamente, sem variação.

Até recentemente, achava-se que uma abordagem material salvaguardaria o futuro de Djenné, sem precisar se preocupar muito com as vidas dos moradores da cidade. Atualmente, o modelo de patrimônio material como “recurso” está sendo prejudicado pela redução do turismo nos três locais reconhecidos como Patrimônio Mundial no Mali. Além disso, o medo de alienar uma população por meio de uma visão cada vez mais “profissionalizada” e externa de proteção do patrimônio cultural está levando as autoridades da UNESCO a refletirem cuidadosamente sobre sua abordagem.

Por exemplo, hoje, o Aga Khan Trust for Culture (AKTC) está de volta a Djenné para restaurar a mesquita à sua aparência original de 1909, removendo cem anos de barro — coletado e aplicado a cada ano por todos os homens fisicamente aptos em Djenné na época da cerimônia anual de *crépissage* (as mulheres trazem a água e as crianças misturam o barro; ver Figura 4). O trabalho de restauração do AKTC é necessário, pois partes do edifício se tornaram estruturalmente instáveis devido ao peso do barro acumulado. A parte superior da torre sul da fachada leste desmoronou durante o trabalho de restauração (Figura 5). A AKTC levanta a hipótese de que, no futuro, a restauração da mesquita seja feita de forma mais profissional, limitando a tarefa aos pedreiros. Seria muito surpreendente se isso de fato acontecesse, pois os funcionários da UNESCO consideram a sugestão preocupante (comunicação pessoal, Lazare Eloundou, chefe da Seção da África no Centro do Patrimônio Mundial da UNESCO).

Outro exemplo é o uso de telhas de barro cozido para proteger os edifícios em Djenné. Essa prática está ganhando popularidade, pois é vista pelos proprietários das casas como uma forma de protegê-las a longo prazo e eliminar a necessidade de obter dinheiro para refazer o revestimento de barro a cada dois anos. No entanto, é uma fonte de ansiedade para os funcionários responsáveis pelo patrimônio histórico da cidade, que o veem como algo que desfigura e profana a arquitetura de Djenné (Figura 6). Os funcionários da área de patrimônio também apontam que o cimento usado para fixar as telhas nas paredes das casas é incompatível com a sua estrutura de barro, causando rachaduras e o eventual colapso da estrutura por baixo se houver infiltração de água. Apesar de as telhas serem mais caras do que refazer o revestimento, tanto a longo quanto a curto prazo, elas satisfazem uma necessidade de permanência quando a perspectiva eco-

nômica futura é incerta. O gasto de dinheiro em telhas também remove com sucesso esse dinheiro de circulação e de quaisquer outras demandas sobre essa renda. Nominalmente, a Missão Cultural tem o poder de forçar as pessoas a removerem as telhas de suas casas, embora, na prática, isso só tenha acontecido em algumas ocasiões — e somente quando a Missão pagou pela restauração da aparência original da moradia.

Quando saí da casa de um amigo em Djenné, em janeiro de 2010, ele me mostrou dois pequenos sacos contendo o que parecia ser pedras ou barro. Ele estava trabalhando como operário no projeto de restauração da nova mesquita do AKTC — um emprego que lhe foi concedido

Figura 5  
Parte da fachada leste da mesquita de Djenné, que desabou durante a restauração do Agha Khan *Trust for Culture*.  
Foto: Charlotte Joy.



pelo seu *Chef de Quartier* depois que fora demitido de um emprego anterior, em que trabalhava há muitos anos. Ele é recém-casado e, portanto, ficou muito grato pela renda estável proporcionada pelo projeto da AKTC. Ele me explicou que os dois sacos continham antigos tijolos cilíndricos *Djenné-feréy*, o tipo usado por todos os pedreiros em Djenné antes da introdução dos tijolos quadrados *toubabou-feréy* pelos franceses. Eles haviam sido jogados fora durante o trabalho de restauração e ele os considerava muito antigos e, portanto, potencialmente valiosos. Esperava poder vendê-los a alguns turistas.

Os homens jovens em Djenné estão preocupados principalmente com suas necessidades econômicas imediatas, especialmente se estiverem pensando em se casar logo ou se forem responsáveis por uma esposa ou família. Um segundo imperativo econômico é o desejo de *status* por meio do consumo de objetos de prestígio, como roupas, produtos eletrônicos e bicicletas motorizadas. Cada vez mais, vínculos evidentes com o mundo exterior estão se tornando importantes por meio de sua capacidade de atrair recursos ou demonstrar mobilidade geográfica. Isso é mais fácil para os homens jovens que são guias e entram em contato regular com os turistas, ainda que seja difícil forjar relações de longo prazo.

Os projetos de patrimônio cultural na cidade, embora ostensivamente relacionados ao futuro de Djenné, são necessariamente voltados para dentro. Eles impõem uma versão de determinismo material que é difícil de ser aceita por muitos em Djenné. Até o momento, os homens jovens de Djenné tendem a olhar para o exterior por meio das oportunidades oferecidas pelo turismo. Entretanto, a dependência do turismo como motor econômico da cidade tem seus riscos. Quando o presidente do Mali, Amadou Toumani Touré (ATT) visitou Djenné em 2004, um guia explicou sua ausência no evento afirmando: “Não preciso do ATT,

meu ATT são os turistas”. Com isso, entendi que ele queria dizer que os turistas estavam em uma posição muito mais favorável para mudar suas perspectivas materiais do que o chefe de Estado. Agora, com a redução do turismo, será ainda mais difícil para o Estado do Mali apoiar os homens jovens que desejam permanecer em Djenné, devido ao aumento do desemprego e às pressões da pobreza.

Uma abordagem etnográfica do estudo da cultura material em Djenné revela o que Mbembe (2001) chama de “uma vasta rede de afinidades” sentida pelos rapazes em relação ao mundo exterior. Assim como a descrição das restaurações dos *sahos* encontrada no plano de gerenciamento de Djenné (um documento elaborado pela UNESCO para organizar sua futura proteção), os *grins* fornecem um espaço temporário em que

Figura 4  
A cerimônia anual de *crépissage*.  
Foto: Charlotte Joy.



os rapazes aprendem a se tornar homens. Diferentemente dos *sahos*, os *grins* são visivelmente parte do mundo exterior. Ferguson afirma que há um grande perigo em excluir as pessoas das condições de vida políticas e econômicas que normalmente são caracterizadas como “modernas”, mesmo que seja um esforço para afastar-se de uma visão de mundo eurocêntrica. Eu gostaria de argumentar que o patrimônio cultural de Djenné deve ser reconhecido pela UNESCO e pelas agências de patrimônio que trabalham na cidade principalmente como um recurso, que deveria ser usado como o início de um diálogo entre os residentes e o mundo exterior. Ele é apenas uma “coisa em si mesma” para uma pessoa de fora que está olhando para dentro. Para muitas pessoas de dentro que olham para fora, as demandas por fundos para sua preservação são uma ferramenta de barganha, uma forma legítima e digna de pedir ajuda para enfrentar uma vida de extrema pobreza.

Pensar em abordar os *sahos* como “ambiente propício” poderia levar a um engajamento mais dinâmico entre profissionais do patrimônio e residentes locais. Para um vilarejo como Kouakourou, um *saho* restaurado significará, com sorte, mais turistas e mais renda advinda do turismo. Para os guias de Djenné, os *sahos* restaurados podem ajudá-los em seus esforços para manter os turistas por mais de um dia. Com relação ao interesse dos turistas pela identidade masculina jovem em Djenné e nos vilarejos vizinhos, um *tour* pelas casas *grins* em Djenné pode ser fascinante, mesmo que sejam muito menos fotogênicos do que os *sahos*. Talvez, mais fundamentalmente, pudesse ser útil perguntar como seria uma abordagem para a proteção do patrimônio cultural em Djenné se os edifícios fossem vistos como secundários, como eram quando foram construídos — um subproduto de uma cidade próspera, vibrante e economicamente viável.



Figura 6

Uma casa em Djenné coberta de telhas ao lado de uma casa em ruínas.

Foto: Charlotte Joy.

### Agradecimentos

Eu gostaria de agradecer a Adama Boucoum em Djenné por sua ajuda na pesquisa de material de apoio para este artigo, assim como ao professor Christopher Tilley, por seus comentários a uma versão anterior. Agradeço, ainda, a Julio Sa Rego, pelos comentários sobre a tradução.

### Financiamento

Esta pesquisa foi financiada pelo ESRC (Conselho de Pesquisa Econômica e Social do Reino Unido) como parte da bolsa de pós-doutorado da autora no Museu de Arqueologia e Antropologia, na Universidade de Cambridge.

## Referências

BEDAUX, Rogier Michiel Alphons; DIABY, Boubacar Hama; MAAS, Pierre (Eds.). **L'architecture de Djenné, Mali: la pérennité d'un patrimoine mondial**. Leiden: Rijksmuseum voor Volkenkunde, 2003.

CLEERE, Henry. The World Heritage Convention in the Third World. *In: McMANAMON, Francis; HATTON, Alf (Eds.). Cultural resource management in contemporary society: perspectives on managing and presenting the past*. New York: Routledge, 2000. p. 99–106.

ERIKSEN, Thomas Hylland. Between universalism and relativism: a critique of UNESCO's concept of culture. *In: COWAN, Jane K. et al. (Eds.). Culture and rights: anthropological perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 127–148.

FERGUSON, James. Of mimicry and membership: Africans and the 'new world society'. **Cultural Anthropology**, v. 17, n. 4, p. 551–569, 2002.

FONTEIN, Joost. **UNESCO, heritage and Africa: an anthropological critique of world heritage**. Edinburgh: Centre of African Studies/Edinburgh University, 2000.

GONDOLA, Didier. Dreams and drama: the search for elegance among Congolese youth. **African Studies Review**, v. 42, n. 1, p. 23–48, 1999.

JOY, Charlotte L. Enchanting town of mud: Djenné, a World Heritage site in Mali. *In: DE JONG, Ferdinand; ROWLANDS, Michael (Eds.). Reclaiming heritage: alternative imaginaries of memory in West Africa*. London: UCL Institute of Archaeology/Left Coast Press, 2007. p. 145–160.

JOY, Charlotte L. Heritage and tourism: contested discourses in Djenné, a World Heritage site. *In: MACLEOD, Donald; CARRIER, James (eds.). Tourism, power and culture: anthropological insights*. Bristol: Channel View Publications, 2010. p. 47–63.

MAAS, Pierre; MOMMERSTEEG, Geert. **Djenné: chef-d'oeuvre architectural**. Bamako; Amsterdam: Institut des Sciences Humaines; Institut Royal des Tropiques, 1992.

MARCHAND, Trevor H. J. **The masons of Djenné**. Bloomington: Indiana University Press, 2009.

MBEMBE, Joseph-Achille. **On the Postcolony**. Berkeley: University of California Press, 2001.

MOOKHERJEE, Nayanika. The aesthetics of nations: anthropological and historical approaches. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, v. 17, p. S1-S20, 2011.

ROWLANDS, Michael. The material culture of success: ideals and life cycles in Cameroon. *In*: FRIEDMAN, Jonathan (Ed.). **Consumption and identity**. Reading: Harwood Academic Press, 1994.

SINGH, J. P. **United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO): creating norms for a complex world**. New York: Routledge, 2011.

SMITH, Laurajane; AKAGAWA, Natsuko. **Intangible heritage**. London: Routledge, 2009.

